

Dinâmicas Identitárias – nem "cá", nem "lá", mas "também"

Identity dynamics – neither "here", nor "there", but "also"

Maria Beatriz Rocha-Trindade¹

Resumo: A mobilidade que sempre tem acompanhado a sociedade portuguesa e percorre toda a história nacional constitui fator indispensável para compreender a situação em que o país se encontra. A dispersão e fixação das gentes que dele partiram para o estrangeiro e o conjunto de relações que continua a ser mantido revela que a ligação anteriormente existente não se perdeu.

O duplo sentido de pertença que se tem vindo a construir e hoje claramente existe manifesta-se através da adoção de réplicas simbólicas de imagens retiradas de qualquer dos espaços culturais e que muitas vezes se associam. Em recintos fechados, nomeadamente no âmbito de iniciativas associativas ou em zonas abertas de espaços públicos, os encontros e as celebrações que ocorrem proporcionam a intensificação das ligações entre os elementos de uma mesma origem.

Localizar e conhecer as comunidades portuguesas no estrangeiro e a correspondência entre zonas de origem e de fixação constitui uma mais-valia para qualquer iniciativa de natureza cultural ou económica.

Palavras-chave: migrações portuguesas; interação cultural; evocações simbólicas, Portugal; Brasil

Abstract: The mobility that has always accompanied Portuguese society and crosses all its national history, constitutes an essential factor to understand the situation the country finds itself in. The dispersion of the people who left the country and the set of ties maintained, reveals that the connection to the country of origin was not lost.

The double sense of belonging that has been built, and clearly exists today, is manifested through the adoption of symbolic replicas of images taken from any of the cultural spaces (often creating associations between them). In private indoor areas, namely within the frame of associative initiatives, or in public open spaces, the meetings and the celebrations that occur provide a strengthening of the connections between members of the same origin.

Tracing and knowing the Portuguese communities abroad and the correspondence between origin and destination areas constitutes a tremendous asset to any cultural or economic initiative.

Keywords: Portuguese migrations; cultural interaction; symbolic evocations, Portugal; Brasil

Constituindo Portugal o objeto da análise que se segue não poderá deixar de ser considerada a sua implantação geográfica, a dimensão territorial que o caracteriza e o regime político vigente. Para além disso, a associação de alguns indicadores de natureza económica e social, muito em especial a população residente, sempre marcada por uma permanente mobilidade, em muitos casos condicionada pelo desenvolvimento que conseguiu ou não ser atingido, permite avaliar a situação em que se foi vivendo e em que hoje se encontra.

A descoberta de novos territórios e a expansão que se foi alargando de forma progressiva, quer para Oriente quer para Ocidente, permitiu a instalação de populações que vieram a ser suporte do poder político instituído e que posteriormente conseguiram manter, embora assumindo várias formas de estabelecimento regional e de relacionamento com o país de origem. Se situarmos o extenso império português espalhado por todo o globo, que se manteve até data recente, dificilmente se compreende como a partir de uma pequena parcela territorial do extremo ocidental europeu se pôde chegar tão longe e ser conservada uma presença tão extensa e continuada.

Porque a inserção num contexto mundial está sujeita à individualidade de valores próprios e à sua articulação no âmbito das conjunturas vividas no quadro internacional, Portugal foi obrigado a alterar os seus ideais de gestão após confrontos diretos no teatro das instituições internacionais.

Sendo o país que durante mais anos conseguiu manter as fronteiras territoriais no quadro do continente onde se situa² alterou de maneira drástica o espaço intercontinental que não só dominava como considerava parte integrante de si próprio.

Após uma dura guerra estabelecida por mais de dez anos que ceifou a vida de muitos jovens, fruto da falta dos meios humanos e materiais que pudessem tê-la sustentado (utilização de material obsoleto e desadequado), foi obrigado a modificar o regime de governação e conseqüentemente a sua atuação política³. No seio dos próprios agentes militares foi assumida a injustiça de uma orientação cega, guiada por um ideal ultrapassado, que não usufruía de uma base capaz de manter a situação desenvolvida pelo governo de então.

No presente, Portugal possui uma área territorial reduzida de apenas 92 212 Km² (continente e arquipélagos atlânticos).

2 A fundação de Portugal, o Estado mais antigo da Europa, remonta ao século XII. No entanto, só em 1297 a assinatura do Tratado de Alcanizes, estabelecido entre Portugal, Leão e Castela, firma definitivamente as fronteiras portuguesas. Entre conquistas e derrotas, traduzidas por avanços e recuos por parte das forças envolvidas, o estabelecimento do país prolongou-se por gerações e gerações até chegar aos nossos dias.

3 O conflito designado Guerra Colonial Portuguesa, que se estendeu por um período de cerca de decénio e meio (1961-1974) deu lugar a violentos confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas da Guiné-Bissau, Angola e Moçambique. Na época, foi também conhecido como Guerra de África.

Mapa n.º 1 – Portugal Continental e Insular

Área do Território	92 212 Km²
Portugal Continental	89 088,92 Km ²
Arquipélagos Atlânticos	
Açores	2 321,96 Km ²
Madeira	801,12 Km ²



A completa mudança introduzida pela Revolução dos Capitães de Abril (25 de Abril de 1974) foi responsável por uma drástica alteração do quadro conceptual que correspondia a um império muito extenso em que vigorava o poder absoluto da ditadura vigente. O conjunto de alterações sonhadas, cuja concretização se pensava ser quase ou praticamente impossível de operar, fora assim realizada⁴.

A nível interno pode dizer-se que "tudo" tinha mudado levando uma completa reviravolta, tanto a nível institucional como no viver quotidiano, e a mordada que impedia a livre expressão aos insatisfeitos e perdurara quase meio século tinha sido finalmente retirada.

Tal qual acontecia às referências internas, as externas viriam também a sofrer profundas modificações. Instalada a democracia foram destruídas as cerradas barreiras que constituíam um obstáculo inultrapassável.

Das ex-colónias de África saiu um volumoso fluxo, num apressado processo de descolonização, que num curto período de tempo trouxe até Portugal continental e aos arquipélagos atlânticos quase um milhão de pessoas que procuravam encontrar estabilidade⁵.

A progressiva inserção de gentes com origens tão diversas cujo enleamento na trama social produziu diferenças visíveis, facilmente detetáveis ao percorrer os espaços urbanos do país e com grande acentuação nas suas principais cidades, faz reconhecer a diversidade da população que passou a integrar a sociedade portuguesa.

O seu posicionamento no xadrez mundial conduziu a novas referências internacionais, tendo passado a ser delineadas decisões que definiam prioridades de relacionamento e obrigavam a desenhar novas estratégias.

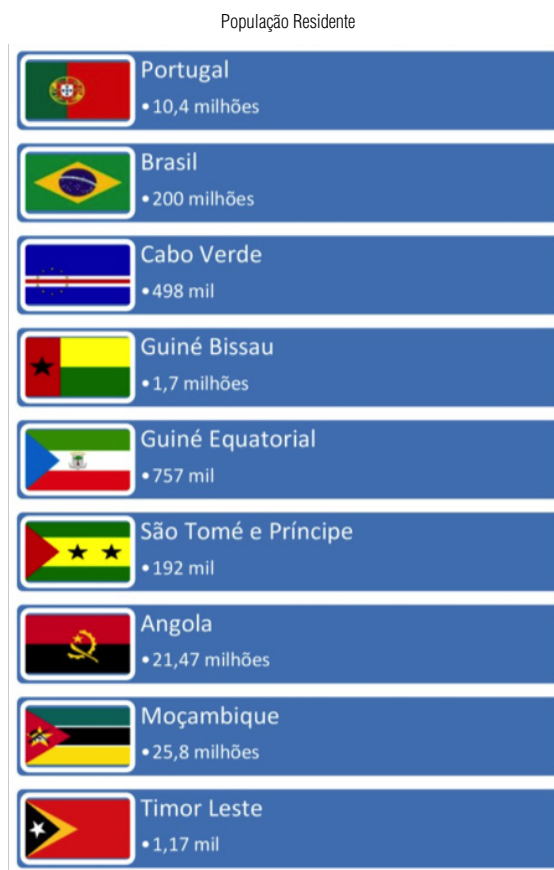
4 ADEMAR, 2015.

5 Foi até à data impossível apurar de forma segura o número exato dos que, vindos do Ultramar, chegaram a Portugal. Varia o quantitativo indicado tanto pelas instâncias oficiais como pelos investigadores que trabalharam sobre esse período temporal. De qualquer forma, são indicadas algumas referências bibliográficas que permitem atestar as diferenças verificadas (LEANDRO, 1984; PIRES, 1984; MACIEL, 2011; ROCHA-TRINDADE, 2014; AZEVEDO, 2014).

De entre as múltiplas etapas percorridas, em que a criatividade deu lugar a articulações formais estabelecidas por acordos e protocolos, destacam-se: a integração na então Comunidade Económica Europeia/ CEE (1 de janeiro de 1986) passando Portugal a fazer parte integrante do bloco europeu e, após o decurso de cerca de dez anos (17 de julho de 1996), formalizou-se a união de Estados que partilham a utilização da língua portuguesa como meio oficial de comunicação.

A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa/CPLP decorre da estratégia política desenvolvida por inspiração do embaixador brasileiro José Aparecido de Oliveira⁶ e atualmente integra nove países membros e seis países observadores, envolvendo uma população de cerca de 260 milhões. Muitos outros aguardam uma decisão sobre a pretensão expressa de a ela passar a pertencer.

Figura n.º 1 – Países que integram a Comunidade de Países de Língua Portuguesa - CPLP

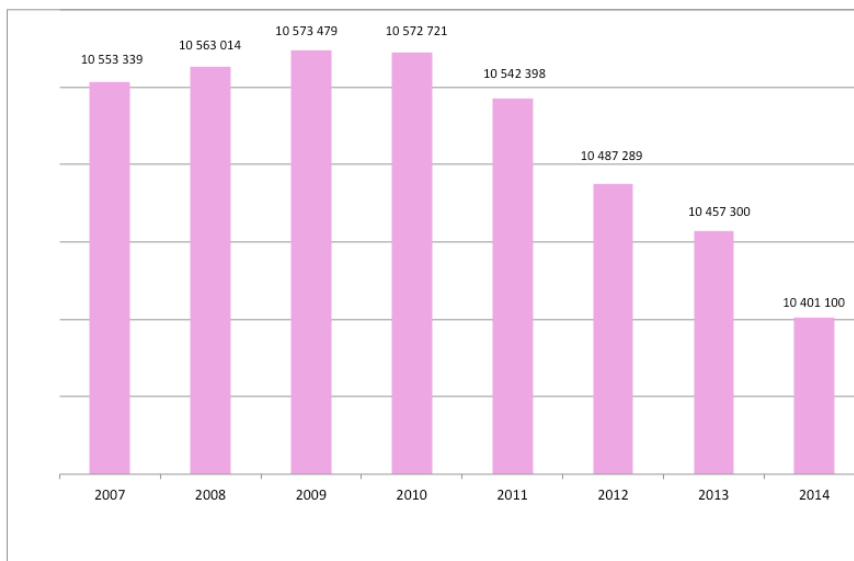


6 Pode dizer-se que a criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) decorre do Instituto Internacional de Língua Portuguesa (1989) fundado pelo então presidente da República do Brasil, José Sarney. Constituíam o seu objetivo a "promoção, defesa, enriquecimento e difusão da língua portuguesa como veículo de cultura, educação, informação e acesso ao conhecimento científico, tecnológico e de utilização oficial em fóruns internacionais". Subsequentemente, José Aparecido de Oliveira, embaixador do Brasil em Portugal, considerado como um dos seus pilares, inspirou a instituição que teve início no ano de 1996 por protocolo assinado em Lisboa no dia 17 de julho, no âmbito da Cimeira de chefes de Estado e de Governo.

Modificada a situação política e restringida a dimensão territorial, a tática de alargamento de espaços internacionais constituiu indubitavelmente um dos sustentáculos do conjunto de decisões inclusivas que fizeram sair o país da marginalidade em que se encontrava e passava a proporcionar-lhe um outro tipo de dimensão. A sua concretização decorreu da já referida Revolução que destronou a ditadura e instalou a democracia, condição indispensável para a aceitação que Portugal passou a ter.

A variabilidade da cifra de residentes no país atesta as alterações demográficas que se têm sucedido e o número dos que o vão deixando, decorre da incapacidade permanente que tem revelado em conseguir manter no território a totalidade da sua população. Para além disso, uma taxa de natalidade muito baixa, inferior à taxa de mortalidade, não permite que se faça a sua indispensável renovação.

Gráfico n.º 1 – População residente em Portugal (2007-2014)



Fonte: INE, Pordata, última atualização 26.6.2015.

Tendo em conta a mobilidade que sempre existiu no país torna-se indispensável considerá-la, de forma a conhecer como se estendeu pelo mundo a população de origem portuguesa e como se miscigenou tanto com os povos dos espaços onde veio a fixar-se, como com aqueles que entraram desde sempre no país e nele se foram estabelecendo. Dos cruzamentos ocorridos pelas interações estabelecidas decorre a mestiçagem que caracteriza a atual sociedade portuguesa, marcada por múltiplas pertenças culturais⁷.

Os que circularam e circulam no espaço político português não podem juridicamente ser considerados como emigrantes mas tão só como migrantes internos e embora se conheçam os movimentos através dos registos

⁷ O capítulo XI do livro *Os Negros em Portugal: Uma Presença Silenciosa* (1988), da autoria de José Ramos Tinhorão, refere como ocorreu o seu branqueamento no interior do país. Atravessando um longo período que se desenrola desde o século XV e se estende até ao século XX, são citados vários autores e indicadas áreas geográficas do litoral e do interior onde se regista a sua presença.

periódicos dos recenseamentos não tem sido em cada ano arrolado o seu número. O hábito de anotar os quantitativos referentes à deslocação internacional, adotado a partir do século XIX, estende-se ao longo de todo o século XX e chega até aos nossos dias.

Aos muitos que continuamente foram saindo, contrapõem-se os que sempre entraram, de origem e volume diferentes conforme a época em que tal ocorreu. Entre os que se registam, por uma multiplicidade de motivos, destaca-se quem se encontra ligado a circunstâncias de natureza comercial com pontuais ou regulares estadias no território, bem como todos os que nele passaram a residir definitivamente por essa ou por muitas outras razões. Não pode ser esquecida a mão-de-obra escrava que serviu uma classe possidente que dela necessitava e que tinha capacidade para a adquirir e manter só vindo a deixar tal condição a partir de 1761⁸.

Os encaminhamentos dos movimentos migratórios decorrem do "chamamento" que advém de zonas livres que potencialmente oferecem condições para uma mais fácil fixação ou do desenvolvimento pontual de economias que recebem voluntariamente trabalhadores, equacionando a vontade de os receber com a respetiva vontade individual de partir.

Destinos prioritários encaminharam quem saiu para as sete partidas do mundo, conduzindo ao que tradicionalmente tem vindo a ser designado por "ciclos migratórios" e, percorrendo a sua sequência, ao "transatlântico" sucede-se o "intraeuropeu", sendo hoje muito diversificados os destinos procurados. Estão assim dispersos por todo o globo os locais que se pretenderam atingir e, em muitos casos, vieram a servir de áreas de implantação definitiva⁹. Pode dizer-se que o país assiste e participa num novo ciclo, com características bem diferentes¹⁰.

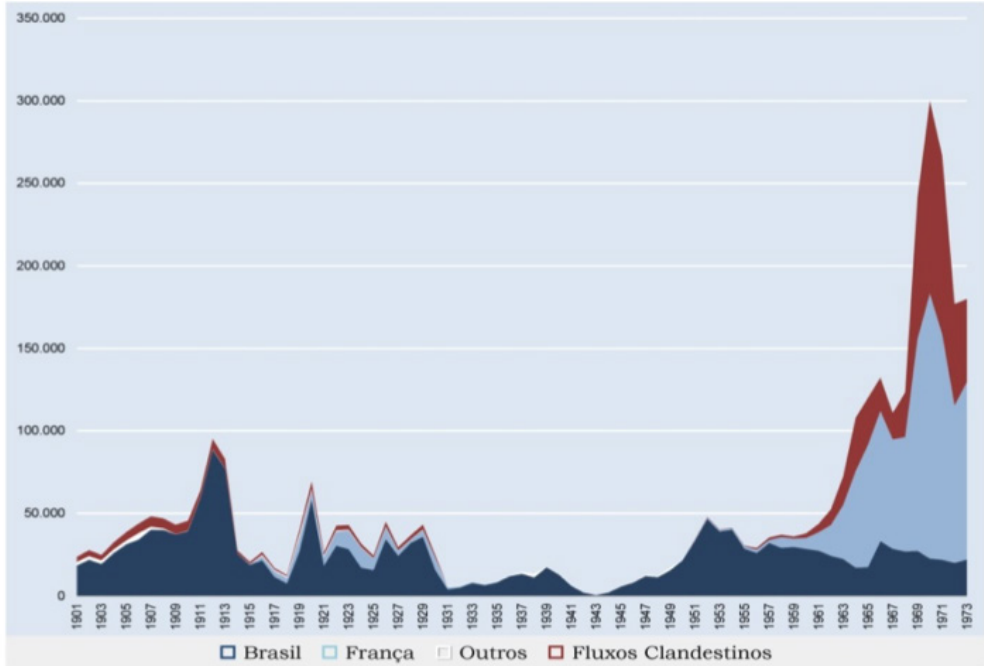
Os gráficos que se seguem ilustram, por um lado, o desenvolvimento da emigração ao longo do século XX, dando a conhecer os destinos prioritariamente escolhidos, por outro lado, a diversificação operada na atualidade mostrando a continuidade do movimento.

8 Em 12 de fevereiro de 1761, foi abolida a escravatura pelo marquês de Pombal no reino/metrópole e na Índia. No século XIX, em 1836, a mesma medida política abrangeu todo o Império. Os primeiros escravos a serem libertados foram os do Estado (decreto de 1854); mais tarde, os que dependiam das Igrejas (decreto de 1856). A lei proclamada em 25 de fevereiro de 1869 estabeleceu definitivamente o fim da escravatura em todo o Império Português.

9 ROCHA-TRINDADE, 2014.

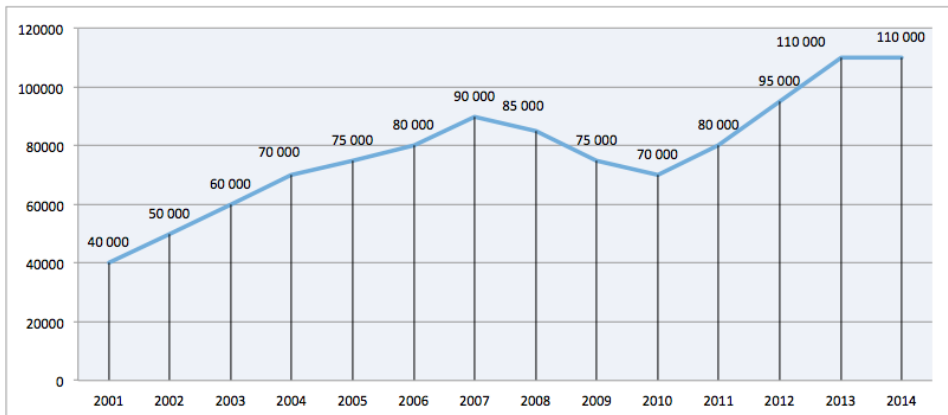
10 GOMES, 2015.

Quadro n.º 1 – Mobilidade portuguesa (1901-1973)



Fonte: BAGANHA; MARQUE, 2001.

Gráfico n.º 2 – Saídas totais de emigrantes portugueses (2001-2014)



Fonte: Dados do *Observatório da Emigração* com base nas estatísticas dos países de destino dos portugueses. Os dados de 2014 são provisórios, última atualização 28.9.2015.

Sem que o desenvolvimento económico deixe de atuar sobre o ritmo da mobilidade e seja mesmo reconhecido como uma das suas principais forças atrativas, possibilitando a escolha do caminho de expatriação, as anteriores fixações já concretizadas funcionam também como poderoso chamativo – um orientador geográfico do

encaminhamento seguido em direção ao destino. De outro modo, o conhecimento de alguém que já se encontra instalado e que em regra serve de mediador ou é procurado *in loco* na altura da chegada, para obtenção de informação e ajuda, constitui um significativo elemento congregador de núcleos que assim progressivamente se avolumam.

Transferem-se dessa forma, a partir de uma mesma origem e para um mesmo destino, muitos elementos que por intermédio do relacionamento social já existente se organizam e se mantêm através dessa mesma via.

Tomando como exemplo o Brasil, que na sua vastidão territorial conseguiu ir fixando milhares de imigrantes de todas as nacionalidades¹¹, assume uma particular configuração em relação ao estabelecimento de portugueses no quadro dos estrangeiros que tem vindo a acolher ao longo dos séculos. Quase não sendo considerados estrangeiros naquele país, fazem parte da tessitura humana que constitui a sua matriz social.

Das transferências culturais operadas constitui exemplo maior a extensão da língua portuguesa como veículo de comunicação. As expressões utilizadas, o significado atribuído às frases proferidas, os nomes de família herdados, a quase totalidade de hábitos transferidos que ainda sobrevivem, dos quais a gastronomia ocupa um lugar de relevo, dificultam a distinção de uma origem diferente mas que por ser maioritária e continuar presente em todo o território se funde com a realidade social e cultural local.

Para os portugueses este destino manteve a sua prioridade até meados do século XX só tendo sido ultrapassado por França a partir de 1963, país que veio a atingir uma dimensão comparável pelo elevado número que para ele se tem encaminhado.

Quadro n.º 2 – Brasil e França – os dois grandes destinos da emigração portuguesa intercontinental

Ano	Brasil	França	Total
1962	13 555	8245	33 539
1963	11 281	15 223	39 519
1966	2607	73 419	120 239

A sequência de entradas e de saídas num dado território e os relacionamentos de todo o tipo que entretanto se vão estabelecendo, desde a regularidade de convívios até à formalidade de ligações e uma procriação advinda de casamentos mistos, leva não só ao entrelaçar biológico e ao surgir de novos fenótipos como à adoção sincrética de elementos e hábitos diversos que constituem marcas de presenças que se mantêm e se transformam.

Percursos geográficos ao longo das costas continentais no quadro internacional, assim como o caminhar para o interior de países onde o poder político e a presença social portuguesa estiveram inseridos, permitem apontar modelos que integram o conjunto de representações simbólicas advindas da sua mobilidade.

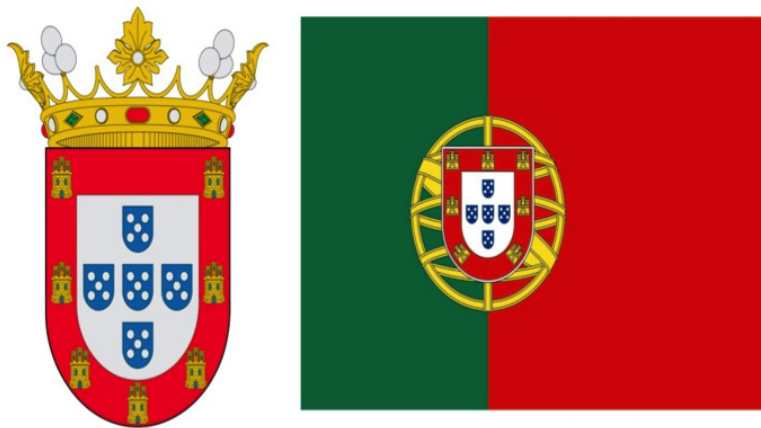
O percurso da costa de África e da Ásia, sem que ocorra uma paragem obrigatória correspondente ao levantamento de todos os locais hiwstóricos que marcam os caminhos percorridos, proporciona encontrar exemplos concretos que permitem visualizar a ideia anteriormente apresentada. A existência de rituais evocadores

11 DIÉGUES JÚNIOR, 1964; SILVA, 1986; SEYFERTH, 2000.

de heranças culturais serve para exaltar e manter elementos de geração em geração, tanto no campo arquitetónico (fortalezas e igrejas); como ao nível da diversidade das peças dos acervos museológicos; no da representação simbólica (brasões e distintivos); no da apropriação de elementos puramente decorativos por parte de elementos da sociedade civil e no das celebrações públicas.

Algumas imagens transcritas a título puramente exemplificativo permitem apreender e localizar algumas destas transferências que, circulando longitudinalmente e atravessando os espaços geográficos, têm permanecido ao longo dos tempos, conseguindo manter vivas presenças culturais que sobreviveram ao declínio do poder político.

Figura n.º 2 – Brasão de Ceuta (Marrocos, Norte de África) Possessão portuguesa reconhecida entre o século XV (1486) e o século XVIII (1769)



A consciência das pertenças jurídicas a um dado espaço político altera-se com as decisões governamentais que as elas subjazem e a mútua exclusividade que constituiu prática até data relativamente recente tem-se vindo a alterar de forma assinalável.

Ao ser de "cá", referindo o local preciso de naturalidade e mesmo precisando a nacionalidade, contrapõe-se o ser de "lá", designação que refere o estar fora da sua própria circunscrição territorial de origem.

Ser europeu, ser africano, ser asiático diluiu as fronteiras que circunscrevem uma localização precisa e um espaço territorial que assim se alarga no que respeita às pertenças e, ainda mais, quando é empregue e assumida a expressão "cidadão do mundo". Ser cidadão do mundo, revela a flexibilidade do sentir individual face à diversidade dos espaços geopolíticos onde poderia situar-se, onde admitiria viver e também considerar as regiões e locais que poderia invocar como sendo seus.

Há que concordar que só a facilidade de comunicação extensível aos atuais meios de informação, qualquer que seja a forma pela qual são veiculadas as notícias, permite uma aceitação do que não sendo "nosso" passa a integrar o acervo individual e os acervos de grupos e de microssociedades e abre os corredores que conduzem a identificações mais alargadas.

As formas de interação preferencial facilitam o empréstimo e a adoção de valores e congregam representações simbólicas. A colaboração dos que sendo de "cá" já não fazem inteiramente parte daqueles que partilham uma mesma origem mas que, ao mesmo tempo, também não fazem ainda parte de quem é de "lá", espaço onde passaram a situar as suas vidas, associam o "também" que as insere numa esfera de sociabilidade mais ampla, capaz de proporcionar novos relacionamentos e facilitar eventuais colaborações.

Visualizar estes diferentes tipos de associação poderá explicitar e melhor fazer compreender as afirmações que precederam a sequência das imagens que se seguem e ilustram o título atribuído a este texto. Apresentadas individualmente e seleccionadas intencionalmente, como exemplo, porque em muitos casos recombina elementos representativos de pertenças culturais marcantes, muitas das réplicas escolhidas e aqui inseridas mostram a associação proporcionada por um relacionamento social que teve uma duração de tempo significativa.

A abordagem tem início no Sul dos EUA, mais precisamente na Califórnia, onde se realiza o grande Festival Cabrilho. João Rodrigues Cabrilho, cuja naturalidade é disputada por dois países, Portugal e Espanha, foi um navegador e explorador português que ao serviço da Coroa espanhola efetuou importantes explorações marítimas no Oceano Pacífico. Em junho de 1542, partiu da costa Oeste do México para Norte, tendo alcançado a Baía de San Diego, facto que o tornou o primeiro europeu a desembarcar no atual Estado da Califórnia.

O Festival Cabrillo comemorado regularmente desde 1963 assinala a descoberta da Baía, e aí é representado o seu desembarque. No estado da Califórnia o dia 28 de setembro é oficialmente considerado como "Cabrillo Day" desde 24 de janeiro de 1935.

Toda a encenação criada para evocar o acontecimento produz grande interesse por parte da numerosa população de participantes que assiste à cerimónia.

Os navegadores envergando traje militar da época, os que se assumem como índios que aí residiam então, bem como os religiosos vestidos com seus hábitos completam a cena da recriação histórica em memória de um passado que dignifica e enaltece os que se identificam com a origem portuguesa. Toda a comunidade com ligação a essa origem vê assim exaltada a posição que ocupa.

As relações políticas sabiamente estabelecidas com os governos americano, mexicano e espanhol conduzem à dignificação de um grupo que consegue manter um lugar de prestígio que ocupa desde há longos anos. Pode dizer-se que Mary (Maria Antónia) Rosa Giglito¹², americana de origem açoriana (Ilha do Pico), desempenhou um papel decisivo na criação e organização deste evento. A sua inteligência, suportada por uma invejável dinâmica, projetou o nome de Portugal de uma forma que não pode deixar de ser referida.

¹² Torna-se indispensável manter na memória a figura de Mary Giglito (única mulher com o título honorário de almirante na Marinha Portuguesa), que nos ensinou "por palavras e factos, que os portugueses já nascidos no estrangeiro podem não só ser tão ou mais patriotas do que nós, como também melhor continuar uma história antiga de convivalidade no mundo" (AGUIAR, 2012).

Exaltação dos laços históricos

Figura n.º 3 – Festival Cabrilho (1992), San Diego (Califórnia, EUA) Mary Rosa Giglitto e o comandante de mar e guerra Artur Junqueiro Sarmento (filho do almirante Sarmento Rodrigues), depositam uma coroa de flores no monumento erigido em homenagem ao navegador e explorador português



Fotografia da Revista da Armada.

Figura n.º 4 – Três dos seis postais ilustrados que integram uma coleção publicada na Califórnia em honra de João Rodrigues Cabrilho (pinturas de Robert Geise, anos 80)



Fotografia de MB Rocha-Trindade.

Do outro lado do Pacífico, o Japão, onde os portugueses chegaram em meados do século XVI, mantém deles ainda uma recordação muito forte. Lembrança pontual, evocada como exemplo, pela ajuda que prestada em tempo útil contribuiu decisivamente para a pacificação do país e para a sua reunificação. A chegada em 1543 de Fernão Mendes Pinto e de outros navegadores a uma das suas ilhas veio a tornar-se absolutamente decisiva para as transformações que então ocorreram, tendo o período que se seguiu e que se prolongou até 1639 sido designado como «século cristão».

As armas de fogo (*teppó*) então introduzidas pelos portugueses são objeto de uma celebração anual realizada em Tanegashima que integra elementos culturais que os evocam. Espingardas, nau decorada com a Cruz de Cristo e a figura de Fernão Mendes Pinto (reconhecido como pai do primeiro euro asiático) são consideradas peças fulcrais da ligação entre os dois países.

Figura n.º 5 – Livro trilingue (português, japonês e inglês) publicado pelo Instituto Cultural



Fotografia de MB Rocha-Trindade

Figura n.º 6 – Festival Teppó Matsuri, Tanegashima (Japão). Caravela portuguesa que insere a Cruz de Cristo e espingardas. Elementos fundamentais no desfile.



Fotografia de Leong Ka Tai.

Figura n.º 7 – Museu da Espingarda em Tanegashima (Japão)



Fotografia de Leong Ka Tai

Figura n.º 8 – Cartaz publicitando o Festival Teppó Matsuri, em Tanegashima (Japão)



Fotografia de Leong Ka Tai

Qualquer destes exemplos revela como a manutenção da memória alimentada por celebrações regulares, que se repetem ano após ano, contribui para a valorização de um povo cuja ligação histórica é reconhecida de forma enaltecadora. A encenação criada proporciona a reciprocidade de relacionamentos que assim se encontram facilitados.

A escolha repetida dos mesmos destinos revela a vocação e preferências que se fazem ao partir das origens que lhes correspondem, dando lugar à formação de núcleos multi-situados e de abrangência variável a que poderíamos chamar enclaves culturais. As comunidades que assim designamos constituem "canteiros" de vivências quotidianas, que pela circunscrição territorial onde se inserem fazem renascer o que foi transplantado e que se não se abrigasse em tais espaços tenderia progressivamente a desaparecer.

Poder-se-á perguntar se os encontros de convivência que neles se processam, tão característicos dos primeiros anos de fixação no estrangeiro, não serão prejudiciais à necessária inserção de quem chega a um novo país, podendo até conduzir a uma eventual marginalização social.

Se a situação descrita é de grande utilidade nos primeiros tempos, não pode deixar de ser encarada como retardadora de uma rápida adaptação a todos os títulos desejável. No entanto, o progressivo desenraizamento que em regra ocorre e vai sendo substituído pelo adquirir da nova língua de comunicação, pela aquisição de novos hábitos no viver do dia-a-dia bem como pelas evocações emocionais que se manifestam por outras formas, traduz a "mistura" cultural que lentamente se vai operando sem obedecer a regras predeterminadas de carácter universal.

O que em regra acontece no desenvolvimento e evolução dos processos sociais resulta de múltiplos fatores que se combinam e recombinaem de forma muito diferente e têm uma expressão própria em cada lugar e em cada ocasião.

Retornando ao que foi designado como "enclaves", lembre-se como a reciprocidade de evocação e de relacionamento materializada em locais e momentos bem precisos dá conta de como a convivência se pode estabelecer entre a origem e o destino, criando oportunidades de colaboração regular e espaços de sociabilidade temporária. Todos os contactos assim se vão intensificando, fruto do avanço das tecnologias que encurtaram as distâncias e originaram a mudança de sentimentos em relação a identificações que, sendo quase que mutuamente exclusivas, passaram a entrelaçar-se alterando por completo as referências e o sentir.

As evocações podem ter lugar num ou noutra dos locais em que a interação se estabelece e, por isso, existem registos que atestam a vivacidade demonstrada pelos organizadores e participantes de manifestações em espaço público. Se se recorrer à utilização das imagens que permitem reconstruir tais manifestações de muitos dos enclaves sociais existentes em países recetores, facilmente se compreende a forma como são selecionados os símbolos de identificação e como se concretiza a sua apresentação.

A partir dos dois arquipélagos atlânticos portugueses – Madeira e Açores – podem ser retirados exemplos muito expressivos. De entre eles cite-se a réplica do libertador da Venezuela, Simão Bolívar, cujas repetidas representações assumem a forma de monumentos que lhe são dedicados – estátuas, azulejos, nome atribuído a ruas traduzem a consideração que lhe é atribuída.

Por outro lado, o culto do Espírito Santo ou o do Senhor Santo Cristo dos Milagres constituem paradigmas por excelência. Provenientes essencialmente das ilhas açorianas, os casos citados fazem conhecer a origem dos que, residindo no estrangeiro, as têm conseguido manter, e como também regressando a Portugal, em datas pontuais ou definitivamente, assumem a sua dupla pertença pela transferência de uma representação simbólica que mantêm.

A distância percorrida na expansão territorial da celebração, claro indicador da presença migratória existente, explicita a força de uma ligação que perdura e consolida os laços entre o local de partida e o de estabelecimento no estrangeiro

O movimento associativo tem dado lugar a espaços de convívio que proporcionam encontros regulares de populações da mesma origem que aí encontram formas de celebrar datas festivas. As receitas típicas da gastronomia e doçaria regionais, expressamente escolhidas para integrar os cardápios, são em regra confeccionadas por quem ocasionalmente assume o papel de cozinheiro e pasteleiro.

Enclaves sociais

Figura n.º 9 – "Casa da Madeira", fundada em 1 de julho de 1938, Joanesburgo (África do Sul)



Fotografia cedida por Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações (Funchal, Madeira)

O movimento associativo português no estrangeiro constitui também uma extensa e poderosa rede que possibilita e promove de forma regular e continuada a relação dos membros de cada comunidade. O carácter institucional que assume permite assegurar de forma mais alargada a ligação com o país através dos Serviços que tutelam todos os assuntos relacionados com as Comunidades Portuguesas no estrangeiro.

Figura n.º 10 – "Atlântico Madeira Club", Barquisimeto (Venezuela)



Fotografia cedida por Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações (Funchal, Madeira).

Figura n.º 11 – Desfile do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, em Toronto (Ontário, Canadá). "Carro de Cesto" madeirense



Fotografia cedida por Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações (Funchal, Madeira).

Figura n.º 12 – Desfile do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Mulheres de origem madeirense vestidas com o traje tradicional desfilam pelas ruas de Toronto (Ontário, Canadá) transportando uma toalha BM



Fotografia cedida por Centro das Comunidades Madeirenses e Migrações (Funchal, Madeira).

As celebrações do Espírito Santo acompanharam desde sempre os movimentos migratórios e difundiram-se por vários países no estrangeiro. Percorrer os "Caminhos do Divino"¹³ constitui uma forma de conhecer a geografia da implantação açoriana nas Américas.

Associação de símbolos

Figura n.º 13 – Império do Espírito Santo, São Sebastião, Angra do Heroísmo (Ilha Terceira, Açores)



Fotografia de MB Rocha-Trindade

Figura n.º 14 – Cartaz das Festas Açorianas, inserido na exposição "Portuguese Religious Celebrations in the Azores and California"



Oakland Museum (Califórnia, EUA), 1981

13 NUNES, 2007.

Figura n.º 15 – Detalhe da pintura do Padre Coelho de Sousa (orador, poeta e escritor)



Fotografia de MB Rocha-Trindade.

Figura n.º 16 – Festa do Divino Espírito Santo no centro de Florianópolis (Estado de Santa Catarina, Brasil), 2015



Fotografia de Lélia Pereira Nunes.

Figura n.º 17 – Festa do Divino Espírito Santo – cortejo do mar, Pântano do Sul (sul da Ilha de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil) 2015



Fotografia de Lélia Pereira Nunes.

Reciprocidade de evocações – referências simbólicas "Cá" e "Lá"

Figura n.º 18 –Painel de azulejo com imagem de Ílhavo, St. John's (Newfoundland and Labrador, Canadá)



Fotografia de MB Rocha-Trindade.

Figura n.º 19 – Largo St. John's, Ílhavo (Aveiro)



Fotografia de MB Rocha-Trindade.

Figura n.º 20 – Restaurante Paris-Lisboa, Lajeosa do Mondego (Celorico da Beira, Guarda)



Fotografia de MB Rocha-Trindade.

Figura n.º 14 – Réplica do Paseo de los Próceres, em Caracas (Venezuela). Azulejo colocado na parede lateral de uma moradia do distrito de Aveiro, propriedade de um imigrante português na Venezuela



Figura n.º 22 – Estátua da Liberdade, Chão Duro (Moita, Setúbal)



Fotografia de MB Rocha-Trindade.

Figura n.º 23 – Placa de azulejo retratando Simão Bolívar, no jardim de uma moradia localizada no distrito de Aveiro



Fotografia de MB Rocha-Trindade.

Em múltiplas situações encontram-se associados numa mesma representação elementos de origem diversa que, sem se sobreporem se adicionam, existindo casos em que se aliam num mesmo espaço público. Numa perspetiva diversa, dois ou mais símbolos que permanecem lado a lado podem também estar associados em representações individualizadas ou sincréticas mostrando a vontade de preencher a lacuna emocional gerada pelo afastamento.

Constituindo papel fundamental de qualquer empreendedor localizar oportunidades, considerar as condições que levem ao desenvolvimento de projetos imaginados e desenvolver formas concretas de transformá-los em atividades lucrativas, urge que seja tida em conta a localização de populações de origem portuguesa residentes no estrangeiro, qualquer que seja o espaço social onde se encontrem e, se for possível, conhecer a sua origem de forma a integrá-las no programa que tenha em mãos.

O formato do relacionamento estabelecido entre os portugueses residentes no território e os que fora dele se encontram não foi sempre o mesmo porque são diferentes os perfis dos núcleos que constituem e varia, como tem sido referido, o tipo de interação estabelecida.

No entanto, tentar mapear localizações e fazer um levantamento de interações regulares ou extemporâneas constitui uma mais-valia e facilita o andamento de qualquer iniciativa que se pretenda vir a implementar.

A situação acima descrita, que identifica um determinado conjunto de valores, cujos princípios de orientação de vida sejam idênticos, promete uma abertura à eventual programação de novas propostas onde a oportunidade se apresente.

Qualquer atividade que venha a situar-se em espaços com este perfil faz prever que não só poderá ser esperada a sua aceitação como se trata de um terreno promissor para o desenvolvimento das vertentes do poliedro que pode assumir o empreendedorismo.

Fontes e Bibliografia

- ADEMAR, Carlos, 2015 – *Vítor Alves: O Homem, o Militar, o Político*. Lisboa: Parsifal.
- AGUIAR, Maria Manuela (coord.), 2012 – *Entre Portuguesas num Mundo sem Fronteiras: Homenagem a Maria Lamas*. S.l.: AEMM.
- AGUIAR, Maria Manuela, (coord); GUEDES, Graça; SANTIAGO, Arcelina, 2015 – *Quarenta Anos de Migrações em Liberdade: 1974-2014*. Lisboa: Mulher Migrante, Associação de Estudo, Cooperação e Solidariedade.
- AUGÉ, Marc, 2007 – *Por una Antropología de la Movilidad*. Barcelona: Gedisa.
- AZEVEDO, Amândio de, 2015 – "A Grande Migração de África para Portugal", in AGUIAR, Maria Manuela, (coord) – *Quarenta Anos de Migrações em Liberdade: 1974-2014*. Lisboa: Mulher Migrante, Associação de Estudo, Cooperação e Solidariedade, p. 67-68.
- BAGANHA, Maria Ioannis; MARQUES, José Carlos, 2001 – "População", in VALÉRIO, Nuno (coord.) – *Estatísticas Históricas Portuguesas*. Lisboa: INE, vol. 1, p. 33-126.
- CALDEIRA, Arlindo Manuel, 2013 – *Escravos e Traficantes no Império Português*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Comissão de Coordenação da Região Centro, 1984 – *Emigração e Retorno na Região Centro*. Coimbra: CCRC.
- DIÉGUES JÚNIOR, Manuel, 1964 – *Imigração, Urbanização e Industrialização. Estudo Sobre Alguns Aspectos da Contribuição Cultural do Imigrante no Brasil*, vol. I e II. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais/ Instituto de Estudos Pedagógicos/Ministério da Educação e Cultura.
- GOMES, Rui Machado (coord.), 2015 – *Fuga de Cérebros*. Lisboa: Bertrand.
- LEANDRO, J. Marques, 1984 – "Retorno de Desalojados e Retorno de Emigrantes", in *Emigração e Retorno na Região Centro*. Coimbra: CCRC, p. 353-378.
- MACIEL, Cármen, 2011 – "Portuguese Returnees from the Colonies in Portugal since the 1970's", in BADE, K. et al. (ed.) – *The Encyclopaedia of Migration and Minorities in Europe: from Seventeenth Century to the Present*. New York: Cambridge University Press, p. 623-625.
- Revista da Armada*. N.º 263, ano XXIII, 1994.
- NUNES, Lélia Pereira da Silva, 2007 – *Caminhos do Divino: Um Olhar sobre a Festa do Espírito Santo*. Florianópolis: Insular.
- OLIVER, Lawrence, 1972 – *Never Backward*. San Diego: Neyenesch Pictures, Inc.
- PIRES, Rui Pena et al., 1984 – *Os Retornados. Um Estudo Sociográfico*. Lisboa: Instituto de Estudos para o Desenvolvimento.
- PIRES, Rui Pena et. al. (coord.), 2010 – *Portugal: Atlas das Migrações Internacionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Tinta-da-China.
- PIRES, Rui Pena et al., 2014 – *Emigração Portuguesa. Relatório Estatístico 2014*. Lisboa: Observatório da Emigração e Rede Migra/Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL)/CIES-IUL/DGACCP.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 2004 – "Migrations in Portugal". *AEMI Journal*. Vol. 2, p. 23-42.
- ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 2005 – "Portugal: Destination Countries for Emigrants: Immigrants' Countries of Origin". *AEMI Journal*. Vol. 3, p. 76-89.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 2013 – "Diversity and Mobility, Theoretical Perspectives", in NESS, Immanuel (ed.) – *Encyclopedia of Global Human Migration*, vol. 3, p. 1244-1247.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 2014 – "L'Emigration Portugaise vers l'Europe et la France", in DIAS, Manuel Vaz (dir.) – *La Communauté Silencieuse*. Bordeaux: Elytis, p. 47-66.

ROCHA-TRINDADE, Maria Beatriz, 2015 – "Duas Designações Adotadas para um Mesmo Conceito: Retornar e Regressar", in AGUIAR, Maria Manuela, (coord) – *Quarenta Anos de Migrações em Liberdade: 1974-2014*. Lisboa: Mulher Migrante, Associação de Estudo, Cooperação e Solidariedade, p. 67-68.

SILVA, Edevaldo A., 1986 – *História da Imigração no Brasil: as Famílias*. São Paulo: Serviço Nacional de Divulgação Cultural Brasileira.

SEYFERTH, Giralda, 2000 – "As Identidades dos Imigrantes e o Melting Pot Nacional". *Horizontes Antropológicos*. Ano 6, n.º 14, nov., p. 143-176.

TINHORÃO, José Ramos, 1988 – *Os Negros em Portugal: Uma Presença Silenciosa*. Lisboa: Editorial Caminho.